

## **AÇÕES COLETIVAS DE GRUPOS DE IDOSAS**

**GIL, Thais Nogueira\*** – UFMG

**CAMPOS, Rogério Cunha de** – UFMG

**GT-03: Movimentos Sociais e Educação**

**Agência Financiadora: CAPES**

Este trabalho apresenta questões de uma pesquisa<sup>1</sup> realizada em um grupo de idosas. Objetivamos ressaltar a importância de ações coletivas e a mudança de seus significados ao longo do tempo, favorecidas pelas relações com outro. O grupo, por meio da música e da dança transformou a vida de suas componentes. Este trabalho inicia fazendo uma reflexão sobre a participação da juventude em ações coletivas e a importância de olharmos também para os idosos. Em seguida, apresentamos sua metodologia, problematizamos o tema e são feitas as considerações finais.

Por um lado observamos que a vida da mulher idosa, ainda<sup>2</sup> se limita a ambientes familiares. O contrário acontece com a juventude. Segundo Britto da Motta (1999), o dinamismo dos idosos em movimentos extra-familiares é pouco referido. Entretanto, as poucas referências são importantes para uma nova imagem social que influencie as concepções sobre um idoso ativo, autônomo (PEIXOTO, 1998).

Por outro lado, observamos exemplos de ações coletivas socioculturais que realçam participações de jovens na sociedade, de forma ativa e por meio da cultura. Em dois trabalhos esses temas foram explorados: Soares (2003) realizou uma pesquisa com jovens entre 15 e 25 anos, do bloco Oficina Tambolele (grupo de percussão que se apresenta para a sociedade como alternativa de lazer, cultura e espaço de socialização<sup>14</sup>). Essa pesquisa buscou compreender esse universo como uma importante via para entender as relações entre a escola, sociedade e jovens, mediados por suas articulações socioculturais; Dayrell (2005) realizou uma pesquisa que investigou a socialização da juventude por meio do rap e do funk. Ele lança um olhar para as ações afirmativas que afetam a construção de identidades na juventude. Esses dois trabalhos são relevantes porque eles mostram as alternativas que os jovens inventam para

---

\* Orientador: Rogério Cunha Campos.

<sup>1</sup> Em nível de mestrado, na Faculdade de Educação da UFMG.

<sup>2</sup> Na atualidade são conhecidos muitos programas culturais, educacionais, turísticos, de entretenimento, que buscam a participação de idosas, mas isso atinge uma minoria da população (SCHIRRMACHER, 2005).

<sup>14</sup> Trata-se de “processos em que os sujeitos se apropriam do social, valores, normas e papéis, a partir de uma determinada posição e de uma representação das próprias necessidades e interesses” (DAYRELL, 2001, p.235).

transformarem suas vidas. Em suma, se por um lado fala-se pouco sobre ações coletivas de idosos, por outro essas ações estão cada vez mais presentes nos debates sociais sobre a juventude. Será que ressaltar tais movimentos não seria um dos fatores que estimularia a participação? A natureza jovem é responsável pelo dinamismo, mas existem muitos movimentos dinâmicos também relacionados aos idosos que precisam ser ressaltados.

Buscamos com esse trabalho destacar ações coletivas de um grupo de idosas que transformaram sofrimentos, depressões, tristezas e perdas em alegria de viver, solidariedade, trocas e compaixão. Um dos veículos dessa transformação foi a música, cantada e dançada por essas senhoras que esteve presente em suas histórias, encontros e transformações<sup>3</sup>.

A pesquisa foi realizada em Belo Horizonte. Como metodologia, pesquisa teve um cunho etnográfico porque houve imersão em campo. Foi exploratória, descritiva e explicativa. Os dados foram coletados por meio de observação participante; entrevistas semi-estruturadas com membros e pessoas que tiveram algum tipo de envolvimento com o grupo; diálogos abertos; visitas aos ensaios e aos espaços de convivência; filmagens; gravações e fotos.

O grupo é composto por 35 mulheres, negras, de classe popular, com histórico de depressão psíquica e idosas. Foi formado com a intenção de trocarem experiências e terem um espaço de convivência. Com o tempo elas passaram a cantar e dançar para encerrarem seus encontros e acabou formando-se um grupo de cantoras. Hoje elas já lançaram um CD, fazem apresentações musicais, ganharam um prêmio do Ministério da Cultura e possuem renda própria. Essa transformação foi devido à participação ativa de uma de suas componentes que influenciou, desde 1968, a vida da comunidade. Nessa articulação, reuniu o grupo e buscou intervenções (para aprenderem a cantar, tocar instrumentos percussivos, dançar). Hoje presenciamos: aquelas mulheres que tiveram de ser “buscadas<sup>4</sup>” para participarem do grupo e dependiam completamente de sua líder, hoje possuem uma autonomia digna de um ser social: transformaram não apenas suas vidas, mas as vidas de familiares também. São participativas, conscientes de si, conscientes de suas participações e conscientes de suas capacidades de transformar. Além disso, o grupo não se limita a reproduzir canções de domínio. Compõe canções

---

<sup>3</sup> Termos inspirados no livro: MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

<sup>4</sup> Pelo fato de algumas componentes do grupo serem mulheres que estavam “mergulhadas” em depressão psíquica, a líder do grupo nos relatou que em alguns casos teve de tirá-las de suas casas, contra a vontade delas, para irem às reuniões do grupo.

próprias e já possui um repertório para um novo CD (próxima ambição do grupo). Uma dessas composições, *Xô Tristeza, Bem Vinda Alegria*<sup>5</sup>, retrata a trajetória do grupo:

*“Xô tristeza  
 Bem vinda alegria  
 Brincamos de roda  
 Dia e noite, noite e dia  
 A gente chorava, a gente sofria  
 Triste e calada e nada podia  
 Vem o doutor, nada resolvia  
 Só dava remédio e a gente dormia  
 Até que um dia apareceu  
 A boa Valdete que em seu peito doeu  
 Juntou uma a uma com ajuda de Deus  
 E foi de repente que aconteceu  
 Nos deu carinho, nos deu a mão  
 Somos gratas a ela, de todo coração  
 Agora vivemos para cantar  
 Levando a alegria das Meninas de Sinhá  
 Ciranda cirandinha  
 Vamos todos cirandar  
 Vamos dar a meia volta  
 Volta e meia vamos dar”*

Observamos nessa letra que suas componentes possuem um histórico de exclusão: *“A gente chorava, a gente sofria/Triste e calada e nada podia”*. A frase está no passado e se refere à vida de suas componentes antes da formação do grupo. Cada uma vivia isolada em seu mundo, se sentindo excluída: *“nada podia”*, sem voz: *“triste e calada”*. A maioria possui histórias de tragédias como: não ter onde morar e ficar de casa em casa; ver o filho ser assassinado em sua frente; ser despejada de onde mora e não ter para onde ir e ainda por cima ser uma idosa que não consegue emprego. A questão é: o grupo é formado por mulheres, negras, de classe popular, algumas com

---

<sup>5</sup> Composição de Ephigênia Romualda.

problemas psiquiátricos<sup>6</sup>” *Vem o doutor, nada resolvia/Só dava remédio e a gente dormia;*, e idosas. Se sentindo excluídas, inventaram uma nova forma de viver: “*Xô tristeza/ Bem vinda alegria*”.

Observamos na composição do grupo que os verbos no presente se referem à alegria: “*Agora vivemos para cantar/Levando a alegria das Meninas de Sinhá*”. Elas se articularam na vida pública por meio de apresentações e trocas com outros grupos semelhantes, dentre eles, o grupo musical das Lavadeiras de Almenara, formado também por mulheres idosas.

Ao lavar roupas em um espaço comunitário as lavadeiras, em Almenara, passaram a cantar em grupo, reunindo mais de cinquenta mulheres. Isso transformou suas vidas e aumentou a sensação de participação na vida social<sup>7</sup>. As componentes do grupo pesquisado desejavam encontrar com as lavadeiras, pois adoravam as músicas e suas experiências eram parecidas: mulheres idosas que tinham agora uma vida mais ativa na sociedade, que cantavam, dançavam e eram alegres. Elas conseguiram o encontro e dele surgiu outra composição da mesma compositora: *Homenagem às Lavadeiras de Almenara*.

*“Viemos de muito longe  
Ansiosas pra chegá  
Aqui em Jequitinhonha  
Terra boa pra daná  
Venha cá um abraço  
Dessas lindas lavadeiras  
Cantando e lavando roupa  
Debaixo das cachoeiras  
Venha misturar  
Com as Meninas de Sinhá  
Eu lavo a sua roupa  
De roda cê vem brincá  
Lavadeira de Jequitinhonha  
Meninas de Sinhá  
Fazendo essa mistura*

---

<sup>6</sup> A grande maioria do grupo (29 de suas componentes) possui um histórico de depressão. Eram medicadas antes do grupo ser formado.

<sup>7</sup> Esse dado foi relatado pelas mulheres do nosso grupo que tiveram um encontro com as Lavadeiras.

*Vamos ver o que vai dá*  
*Vamos misturar, hei*  
*Vamos misturá*  
*As lavadeiras*  
*Com as Meninas de Sinhá”*

Os tempos verbais usados agora no passado, nos remetem a uma época em que o grupo já havia sido formado. Observamos que houve uma transformação no significado<sup>8</sup>: “*viemos de muito longe/ ansiosas prá chegar*”. Antes o passado se referia à tristeza, depressão. Agora se refere a desejo (*ansiosas prá chegar*), ação (*viemos de muito longe*), movimento.

Os verbos no presente se referem ao encontro e ao desejo da mistura: “*venha cá um abraço/venha misturar*” A música é uma chamada para a troca, para a relação: (*eu lavo a sua roupa/de roda cê vem brinca*). Segundo Charlot (2000), não há sujeito sem relação com o mundo e com os mundos particulares. O homem é um ser que necessita de relações para viver. E relacionar implica comunicar e partilhar.

A relação está na base e é o caminho para o êxito de uma ação coletiva que se constrói por meio de vínculos. Busca a transformação da realidade (MERLUCCI, 2001). Entretanto, a sociedade atual é cheia de significados que se alteram incessantemente. Neste caso, as componentes do grupo não apenas reinventaram um novo modo de viver, como alteram essa própria reinvenção.

Podemos certamente afirmar que tanto o movimento de ajuntar as pessoas para trocas de experiência, cantar, dançar, apresentar em um espaço público quanto o movimento de compor novas cantigas e efetivar novas trocas, misturas com grupos afins, nos revela que o grupo se tornou um espaço de relações, de ações coletivas. Ele propiciou a seus membros uma articulação na vida social. Como nos afirma Merlucci (2001), é preciso manter aberto o espaço para a expressão das diferenças e reinventar o presente, sem medo do novo.

Essa é a chamada de um grupo de idosas que inventaram e reinventam sua história a cada dia, sem medo do novo, construindo novos significados: “*vamos misturá/.../fazendo essa mistura/vamos ver o que vai dá*”. Que essa chamada revele a participação e o desejo de muitos seres humanos, homens, mulheres, jovens, idosos,

---

<sup>8</sup> Segundo Charlot (2000), uma atividade só é significativa quando vemos nela relações entre o que é pessoal e o que é social.

negros, brancos, não importa a característica: vamos agir no coletivo, pensar no coletivo, vamos ser participativos e ver o que vai dar. Utopia, diriam muitos. Segundo Galeano (1994) graças à utopia o homem não é estático. “Ela está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais há alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar” (GALEANO, 1994, p.310).

#### Referências

- BRITTO DA MOTTA, Alda. “Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Salvador: Faculdade de Educação da UFBA, 1999. Tese de Doutorado.
- CHARLOT, Bernard. *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2001. Tese de Doutorado.
- GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto alegre: S&PM, 1994.
- MELUCCI, A. *A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS, Myriam M. (org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- SANTOS, Cláudio Emanuel dos. *A música percussiva: uma experiência sociocultural dos jovens do bloco Tambolê*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2003. Dissertação de Mestrado.
- SCHIRRMACHER, Frank. *A Revolução dos idosos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.